

LEOPARDI: DIÁLOGOS SOBRE A MORTE E A VIDA

O perfil projetado por Giacomo Leopardi na posteridade foi o de um poeta lírico de grave melancolia reflexiva. Este o Leopardi mais conhecido, no qual o tema do desilusório, ora de natureza histórica (os cantos nacionalistas sobre o destino da Itália), ora de natureza existencial (os cantos lírico-subjetivos) constitui a dominante do projeto poético, sob o prisma do significado. Não é o único Leopardi, ao menos não o completo Leopardi, cujo perfil inteiro apresenta notas complexas. Não que este Leopardi seja historicamente falso, mas pode, talvez, dar a impressão de que o poeta apenas seguiu, embora com rara perfeição artística, o modelo heróico-romântico da época. Para começar, o poeta de cosmovisão talvez romântica (mas com raízes na Grécia clássica) apresenta uma dicção que parece ao mesmo tempo “antiga” e “moderna”. Sua formação de erudição filológica explica o “antigo” e sua originalidade peculiaríssima (ou inteligência poética) explica o “moderno” da construção elíptica de alguns “cantos”, de leitura provavelmente difícil para os contemporâneos e pósteros imediatos e até hoje suscetível de interpretações talvez conflitantes entre si. Há outro Leopardi menos conhecido do que o dos *Canti*, que é o das *Operette morali*, de prosa despojada e precisa. O conteúdo reflexivo dessa prosa se interaciona perfeitamente com o Leopardi lírico dos *Canti*, pois há nos dois aspectos uma inteireza temática obsessiva. O pessimismo ontológico do Leopardi pensador foi muito comentado e houve até comparações, algo imprecisas, com o da filosofia schopenhaueriana. Na verdade ele não foi propriamente um filósofo, mas um observador reflexivo, cujas anotações assistemáticas e ao longo de muitos anos foram depois recolhidas no *Zibaldone di pensieri*, monumento de mais de mil páginas que prevê o pensar fragmentário moderno, como por exemplo é o caso de Nietzsche e Valéry. A prosa excepcionalmente articulada das *Operette morali* representa um cruzamento desse Leopardi reflexivo com o lírico dos *Canti*, a isso acrescentando-se elementos ficcionais inusitados e surpreendentes para quem só conhece o poeta lírico.

A primeira coisa a observar nas *Operette* é que, ao lado da precisão já referida, a tonalidade é mais distensa e em certos momentos de coloquialidade quase oposta ao tom eloqüente e de linguagem “nobre” dos *Canti*. Nesse Leopardi emergem acentos irônicos marcados e até um humor de matizes quase farsescos, se bem que a temática persista quase sempre sombria. Os diálogos aqui selecionados revelam, estrategicamente, essa *mélange* de elementos díspares. No “Diálogo de Frederico Ruysch com as suas múmias” ocorre, logo de início, a estranheza de um prólogo em versos de tonalidade grave ser seguido de um monólogo francamente humorístico. O contraste é provocativo e de forte teor ficcional. O “Diálogo de um vendedor de almanaques e de um passante” trata do tema da ilusão do futuro de forma irônica, em que o interlocutor do personagem “Passante” (definição já

por si irônica), é levado a uma conclusão contraditória em relação ao raciocínio anteriormente desenvolvido. O primeiro diálogo, o de Ruysch com as múmias, além da contradição formal de dicções solene (prólogo) e humorístico-coloquial, traz ainda o curioso paradoxo de identidade entre dor/vida e prazer/morte. Enquanto este diálogo dissolve o horror do vazio da morte ao retirar-lhe a carga simbólica e reduzir os termos a princípios naturais, no segundo o raciocinador adere, no final, ao senso comum e aceita, ironicamente, a ilusão do futuro (mentira vital). Ambos os diálogos, um sobre a morte (pressupondo a vida anterior) e outro sobre a vida futura (pressupondo o fim, ou seja, a morte), são intercambiáveis. E embora de épocas diversas, revelam a unidade da reflexão leopardiana, obcecada pelos temas da natureza, do efêmero e do permanente, do ilusório e do desilusório.

Nas *Operette* Leopardi permanece poeta, com forte aderência ao ficcional, do mesmo modo que nos *Canti* persiste o pensador reflexivo. Em ambos os casos, o poético é mais forte e fundamental do que o pensar. Este último resulta da formação humanística do poeta, enquanto que o poético-ficcional é a sua vocação marcada, aquilo que fez com que ultrapassasse a sua época e chegasse até nós ainda surpreendentemente moderno. Nos dois diálogos (e noutros) o poeta desenvolve a maiêutica socrática, processo indutivo em que o interlocutor é levado a conclusões sobre o que antes negava ou sequer supunha. Ambos destroem e ao mesmo tempo reforçam, ambivalentemente, as cargas simbólicas da vida e da morte, e propõem, no fim, uma ambígua conciliação. Não cabe aqui desenvolver o possível pressuposto filosófico (epicurista?) da reflexão leopardiana. Deve-se apenas insistir no fato de que sendo o poético uma elaboração formal, a linguagem distensa das *Operette* é a contraparte complementar da linguagem tensa dos *Canti*. O que nos leva à afirmação inicial da complexidade do perfil inteiro de Leopardi. Nos dois textos (e noutros) não temos a simples proposição de um ceticismo puro, de um des-engano, mas uma proposição que fica em suspenso. O que o poeta *não diz* só cabe à leitura crítica decifrar, não só interpretando, mas também desinterpretando. O que não é o propósito desta simples introdução.

Leopardi
DIÁLOGO DE FREDERICO RUYSCH COM AS SUAS MÚMIAS

Coro dos mortos no gabinete de Frederico Ruysch

Única no mundo eterna, à qual se volve
Qualquer coisa criada,
Em ti, morte, repousa
Nossa nua natura;
Feliz não, mas segura
Da antiga dor. A noite mais profunda
Em tal confusa mente
O grave pensamento obscurece;
De esperança e desejo o árido espírito
Ânimo mais não sente:
Assim, de angústia e de temor é livre
E as eras ocas, lentas,
Já sem tédio consome.
Vivemos: e qual de incerta larva,
E de úmido pesadelo,
Erra na alma dos recém-nascidos
Recordação confusa;
Memória que se acusa
Em nossa vida: mas do temor é longe
O relembrar. Que fomos?
Que foi aquele tempo acerbo
Que de vida teve o nome?
Coisa estupenda e arcana
É hoje a vida em nossa mente, e tal
Como aos vivos no pensamento, emerge
A ignota morte. E assim como da morte
No viver se esquivava, igual se esquiva
Dessa chama vital
Nossa nua natura;

Feliz não, mas, segura,
Pois o ser afortunado
Aos mortais e aos mortos nega o fado.

Ruysch (*De fora do gabinete, espiando pelas frinchas da porta.*)

Diacho! Quem ensinou música àqueles mortos, que cantam no meio da noite como galos? A verdade é que estou suando frio e por pouco não estou mais morto do que eles. Não imaginava que ao preservá-los da corrupção, fossem ressuscitar. Eis aí: com toda a filosofia, tremo dos pés à cabeça. Maldito o demônio que me tentou a trazer essa gente para dentro de casa. Não sei o que faça. Se os deixo aí fechados, como vou saber se não arrombam a porta ou se não escapam pelo buraco da fechadura e vêm para a minha cama? Gritar por socorro por medo dos mortos não me fica bem. Vamos lá, coragem, tentemos meter um pouco de medo neles.

(*Entrando*) Meus filhinhos, que joguinho é esse? Vocês não se lembram de que estão mortos? Que confusão é essa? Será que ficaram tão orgulhosos com a visita do Czar e aí pensaram que não estão mais submissos às mesmas leis de antes? Imagino que tenham tido a intenção de fazer isso por gracejo e não para valer. Se ressuscitaram, alegro-me com vocês; mas não ao ponto de poder sustentar os vivos, como faço com os mortos. Portanto, retirem-se da minha casa. Se é certo o que dizem dos vampiros e vocês são como eles, procurem outro sangue para sugar. Não estou disposto a deixar que sorvam o meu, tal como vocês ficaram livres daquilo que lhes injetei nas veias. Em suma: se quiserem continuar quietos e em silêncio, como ficaram até agora, permaneceremos em boa paz e na minha casa não lhes faltará nada. Se não, tomem cuidado que eu arranco a tranca da porta e acabo com vocês.

Morto Não te enraiveças tanto! Prometo que ficaremos todos mortos tal como estamos, sem que te mortifiques assim.

Ruysch Mas então que fantasia é essa que lhes ocorreu agora de cantar?

Morto Há pouco, exatamente à meia-noite, completou-se pela primeira vez aquele Annus Magnus e matemático, de que tanto falavam os antigos. E esta, igualmente, é a primeira vez que os mortos falam. E não somente

nós, mas em cada cemitério, em cada sepulcro, no fundo do mar, sob a neve ou sob a areia, ou a céu aberto, em qualquer lugar que se encontrem, todos os mortos, à meia-noite, cantaram como nós aquela cançoneta que ouviste.

Ruysch E quanto tempo vão levar cantando e falando?

Morto Quanto a cantar, já terminaram. Para falar têm capacidade para um quarto de hora. Depois voltaremos ao silêncio, até que se complete outra vez aquele ano citado.

Ruysch Se isso é verdade, não creio que vocês venham me interromper o sono outra vez. Portanto, falem entre si à vontade, que eu ficarei aqui à parte e os escutarei de bom grado, sem perturbá-los.

Morto Não podemos falar de outra forma senão respondendo a alguma pessoa viva. Quem não tiver o que responder aos vivos, ao findar a canção, aquieta-se.

Ruysch Lamento muito, na verdade. Pois imagino que seria um grande prazer para vocês, se pudessem falar uns com os outros.

Morto Mesmo que pudséssemos, não sentiríamos nenhum, pois não temos nada a nos dizermos.

Ruysch Mil perguntas me ocorrem à mente para lhes fazer. Mas como o tempo é curto e não deixa muito a escolher, expliquem-me concisamente que sentimentos experimentaram de corpo e alma no momento exato da morte.

Morto No momento exato da morte, nada percebi.

Os outros mortos Nós também não.

Ruysch Como não perceberam?

Morto Assim como, por exemplo, não percebes jamais o momento em que comesas a dormir, por mais atenção que queiras prestar a isso.

Ruysch Mas adormecer é uma coisa natural.

Morto E morrer não te parece natural? Mostra-me um homem, ou um animal, ou uma planta que não morra.

Ruysch Não me espanto mais de que vocês andem cantando e falando, já que não se aperceberam do morrer.

Così colui, del colpo no accorto,

Andava combattendo, ed era morto,

diz um poeta italiano. Eu imaginava que sobre essa história de morte vocês

- e seus colegas soubessem alguma coisa mais do que os vivos. Mas então, voltando a falar sério, não sentiste nenhuma dor no momento da morte?
- Morto Que dor há de ser aquela da qual não se dá conta quem a experimenta?
- Ruysch De qualquer modo, todos estão convencidos de que o sentimento da morte seja dolorosíssimo.
- Morto Como se a morte fosse um sentimento e não, antes, o contrário disso.
- Ruysch E contudo, tanto aqueles que sobre a natureza da alma aceitam o pensamento dos epicuristas quanto aqueles que aderem à opinião comum, todos, ou a maior parte das pessoas, concordam com aquilo que eu disse: isto é, com a crença de que a morte seja, pela sua própria natureza, e sem qualquer comparação possível, uma dor vivíssima.
- Morto Pois bem, perguntarás de nossa parte, a uns e a outros: se o homem não tem capacidade para dar-se conta do momento exato em que as operações vitais, em maior ou menor grau, ficam interrompidas – ou pelo sono, ou pelo torpor ou por uma síncope momentânea, ou qualquer outra causa –, como é que se dará conta daquilo em que as mesmas operações cessam completamente, e não por pouco espaço de tempo, mas para sempre? Além disso, como é que um sentimento vivo pode ter lugar na morte? E por cima de tudo, que a mesma morte seja, por qualidade própria, um sentimento vivo? Quando a faculdade de sentir fica não só debilitada e escassa, mas reduzida a coisa tão mínima que se ausenta e se anula, crês que a pessoa seja capaz de um sentimento forte? E também este mesmo extinguir-se da faculdade de sentir, crês que deva ser um grande sentimento? Observa ainda que também aqueles que morrem de males agudos e dolorosos, ao se aproximarem da morte, mais ou menos antes de expirar, aquietam-se e repousam de tal modo que se pode notar que a vida deles, reduzida a pequena quantidade, não é suficiente para a dor e por conseguinte esta cessa antes de cessar aquela. Tudo isso poderás dizer de nossa parte a qualquer um que julgue que morrerá de dor no momento exato da morte.
- Ruysch Aos epicuristas talvez possam bastar essas razões. Mas não àqueles que sustentam outro juízo sobre a substância da alma. Como sempre o fiz no passado e o farei de agora em diante ainda mais, após ter ouvido falar e

cantar os mortos. Porque supondo que o morrer consista numa separação da alma do corpo, não compreenderão como essas duas coisas, conjuntas e quase coladas entre si, de modo que constituem uma e outra uma só pessoa, possam separar-se sem alguma enorme violência, e um esforço penoso e indizível.

Morto Diga-me: o espírito é por acaso ligado ao corpo com algum nervo, ou com algum músculo ou membrana que necessariamente tenha de romper-se quando o espírito parte? Ou é talvez algum membro do corpo, de modo que tenha de ser extirpado e cortado violentamente? Não vês que a alma só se esvai desse corpo quando nele é impedida de permanecer, e não se vai antes? E que não se vai por alguma força que a arranque e a extirpe? Diz-me ainda: porventura ao entrar no corpo a alma se sente nele encravar-se ou atar-se galhardamente, ou, como dizes, colar-se? Por que então se sentirá desligar-se, ou por que diremos que experimentará uma sensação fortíssima? Tem como coisa certa que a entrada ou saída da alma são igualmente tranqüilas, fáceis e suaves.

Ruysch Então, que coisa é a morte, se não é dor?

Morto É mais prazer do que qualquer outra coisa. Saiba que o morrer, como o adormecer, não se faz em um instante só, mas gradualmente. É certo que esses graus são menos ou mais, menores ou maiores, segundo a variedade das causas e dos gêneros da morte. No último desses instantes a morte não traz dor nem prazer algum, como igualmente sucede no sono. Nos precedentes não pode gerar qualquer dor, porque a dor é coisa viva e os sentidos do homem, naquele momento, quando a morte já está começada, estão moribundos, o que significa que estão extremamente atenuados em sua capacidade. Pode muito bem ser causa de prazer : porque o prazer nem sempre é coisa viva. Talvez, pelo contrário, a maior parte dos deleites humanos consista em alguma espécie de languidez. De modo que os sentidos do homem são capazes de prazer mesmo quando prestes a extinguir-se, considerando-se que inúmeras vezes a própria languidez é prazer, máxime quando libera o ser de algum padecimento. Desde que se reconheça que a cessação de qualquer dor ou mal é prazer por si mesmo, segue-se que o langor da morte deve ser tanto mais grato quanto mais libere o homem de maior padecimento. Quanto a mim, na hora da morte não prestei muita atenção ao que sentia, porque me era proibido pelos

médicos cansar o meu cérebro. Recordo-me, porém, que a sensação que experimentei não foi muito diversa do deleite que se apodera dos homens com o langor do sono, no momento em que começam a adormecer.

Os outros mortos A nós, também, nos parece recordar o mesmo.

Ruysch Seja como vocês dizem, se bem que todos aqueles com quem tive a oportunidade de discutir sobre esta matéria julgavam muito diferentemente. Mas, que eu me lembre, não alegavam qualquer experiência pessoal. Agora, diz-me: no momento da morte, enquanto sentias aquela suavidade, acreditaste que ias morrer e que aquele deleite fosse uma cortesia da morte? Ou antes imaginaste alguma outra coisa?

Morto Até morrer, não me convenci jamais de não poder salvar-me desse perigo; e quando não isso, até o último momento em que tive a faculdade de pensar, sempre esperei que ainda tivesse mais uma ou duas horas de vida. Como estimo que a muitos suceda, ao morrerem.

Os outros mortos A nós, sucedeu o mesmo.

Ruysch Assim, Cícero diz que ninguém é de tal maneira decrépito que não se prometa viver pelo menos um ano. Mas como percebeste por fim que o espírito tinha saído do corpo? Diz-me: como conheceste que estavas morto? Não respondem. Filhinhos, não me escutaram? Terá passado já o quarto de hora. Vamos testar um pouco. Estão muito bem re-mortos. Não há perigo de que me venham fazer medo outra vez. Voltemos ao leito.

DIÁLOGO DE UM VENDEDOR DE ALMANAQUES E DE UM PASSANTE

Vendedor Almanques, almanques novos! Calendários novos! Senhores, não querem almanques?

Passante Almanques para o ano novo?

Vendedor Sim, senhor.

Passante Achas que será feliz este ano-novo?

Vendedor Oh ilustríssimo, sim, com certeza.

Passante Como este que passou?

Vendedor Muito, muito mais.

Passante Mais que o ano anterior?

Vendedor Mais, ilustríssimo, bem mais.

Passante Mas como que outro ano? Não te agradaria que o novo ano fosse como algum desses últimos anos?

Vendedor Não, não me agradaria.

Passante Quantos anos novos se passaram desde que vendes almanaques?

Vendedor Já se foram vinte anos, ilustríssimo.

Passante A qual desses vinte anos gostarias que fosse semelhante o ano vindouro?

Vendedor Eu? Não sei dizer.

Passante Não te recordas de nenhum ano em particular que te parecesse feliz?

Vendedor Na verdade, não, ilustríssimo.

Passante E no entanto a vida é uma coisa bela. Não é certo?

Vendedor Isto é sabido.

Passante Não gostarias de tornar a viver esses vinte anos e também todo o tempo passado, começando desde que nasceste?

Vendedor Ah, meu caro senhor, quisesse Deus que eu pudesse fazê-lo!

Passante Mas se tivesses de refazer a vida que viveste, sem mais nem menos, com todos os prazeres e desprazeres por que passaste?

Vendedor Isso eu não quereria.

Passante Ah, e que outra vida gostarias de reviver? A que eu vivi, ou a do príncipe, ou de algum outro? Ou não achas que eu, ou que o príncipe, ou qualquer outro, responderia exatamente como respondeste há pouco? E que, tendo de refazer a vida que viveu, ninguém quer voltar para trás?

Vendedor Acredito que sim.

Passante Também tu não quererias voltar atrás conforme aquelas condições, não podendo ser de outra maneira?

Vendedor Não, senhor, realmente não voltaria.

Passante Ah, e que vida gostarias de viver, então?

Vendedor Gostaria de uma vida qualquer, como Deus me mandasse, sem outras condições.

Passante Uma vida ao acaso, sem saber de nada antes, como não se sabe do ano novo?

Vendedor Justamente.

Passante Assim eu também queria, se tivesse que viver de novo, e assim todo mundo. Mas isso é sinal de que o acaso, esses anos todos, tratou a todos muito mal. E vê-se claramente que todos são de opinião de que tenha ocorrido mais, ou que tenha tido maior peso, o mal que lhe tocou, muito mais do que o bem. E que se tivesse condições de reviver a vida de antes, com tudo o que foi de bom e de mau, ninguém queria renascer. Aquela vida que é uma coisa bela, não é a que se conhece, mas a que não se conhece. Não a vida passada, mas a futura. Com o ano novo o acaso começará a tratar bem a ti e a mim, e a todos os outros, e principiará a vida feliz. Não é certo?

Vendedor Esperemos.

Passante Então mostra-me o almanaque mais belo que tiveres.

Vendedor Aqui está, ilustríssimo. Custa 30 réis.

Passante Tome aqui os 30 réis.

Vendedor Obrigado, ilustríssimo. Até mais vê-lo. Almanques, almanques novos! Calendários novos!